

Aprendendo com o jornal

Humberto Rezende
Especial para o **Correio**

No lugar de livros escolares, jornais e revistas. Em vez de uma sala de aula, uma pequena redação de jornal. É nesse ambiente que os alunos do Centro Educacional Natural e Integral (Ceni), em Sobradinho, aprendem português. Lendo e depois escrevendo o próprio jornal — o *Noticeni*, nome escolhido pelos alunos. Todo mês, um número é editado. O exercício funciona também como uma forma de integrar escola e comunidade — no caso, o condomínio Entrelagos, onde fica o colégio. Todas as matérias falam sobre o condomínio e a publicação é distribuída entre os moradores.

O primeiro passo é analisar um jornal. Com a ajuda da professora Wilma Lopes, também formada em jornalismo, os alunos da 2ª, 3ª e 4ª séries analisam como é organizado um jornal de verdade. Manchete, chamadas de capa, editoriais que reúnem matérias sobre o mesmo assunto. Aprendem também, por exemplo, o que é *dead-line* — prazo do repórter para entregar seu texto. Para a primeira edição, a data é 8 de março, próxima segunda-feira.

Depois é hora de dividir as tarefas. Cada aluno escreve sobre um tema —

esportes, variedades, qualidade de vida, classificados — e fica responsável por buscar no condomínio fatos que possam virar reportagem. A animação é visível. O aluno da 3ª série Allan Moreira Lima, de 8 anos, está entusiasmado por ser o repórter que irá cobrir cultura no *Noticeni*. “Quero falar sobre coisas antigas”, diz.

Fanático por museus, “principalmente os que têm ossos”, Allan conta que sua matéria preferida é história. Mas como conseguir coisas antigas em um condomínio inaugurado há três anos? “Vou à Administração perguntar o que são as fotos em preto e branco pregadas na parede”, responde.

Já Alexandre Cunha, 11 anos, aluno da 4ª série, foi escolhido o editor. “Vou ter que trabalhar muito. Corrigir todos os textos com a professora”, conta animado. Para o editorial que vai escrever para a primeira página, quer abordar os problemas do condomínio. “Como os cachorros na rua. Aqui tem muito”, exemplifica.

“Para fazer jornal é preciso ler jornal”, diz a professora à turma. Começa então a segunda parte da aula, dedicada à análise de algum veículo de comunicação impresso. Este ano,

as crianças estão analisando o suplemento infantil do *Correio Brasileiro*, Galera no *Correio*. Ano passado fizeram esse exercício com a revista de uma igreja messiânica que fica perto do condomínio.

Divididas em grupo, folheiam o jornal e trocam opiniões. Críticas, erros que encontram, opiniões sobre o que poderia mudar. Aos poucos, os alunos começam a querer mostrar aos colegas o que acharam interessante. Alexandre Cunha, 9 anos, o editor do *Noticeni*, lê em voz alta dicas para perder o medo. Priscilla Alves, 7 anos, lê uma história em quadrinhos.

Dessa forma, a leitura em voz alta — exercício geralmente temido pelas crianças — se transforma em uma atividade natural. O objetivo não é ler para a turma, mas trocar experiências. Priscilla comemora o feito. Quando chegou à escola, ano passado, era tímida, retraída. “Eu gosto da escola por causa do jeito que eles ensinam”, diz a menina.

Para Maria Luiza Moreira Coelho, pesquisadora do Grupo de Estudos sobre Educação e Metodologia de Pesquisa e Ação (Geempa) — orga-

nização não-governamental (ONG) de Porto Alegre (RS) que desenvolve projetos em educação —, o uso de jornais e revistas em sala de aula apresenta uma série de vantagens. “Uma delas é tornar o aprendizado natural, relacionando-o com a realidade que cerca o aluno. O livro didático tende a ser limitador e distante do aluno”, observa.

As oficinas de comunicação acontecem uma vez por semana no Ceni. Mas os alunos não largam os jornais e revistas nunca. Na escola, nenhum professor utiliza livro didático. Nas aulas de português, ciências, matemática, história, todo o conteúdo surge das reportagens escolhidas pelos alunos.

DICIONÁRIO

Nas aulas de português, as crianças buscam erros nas matérias, procuram palavras novas no dicionário, estudam verbos, o uso da vírgula. Tudo através do jornal. O método permite que alunos de diferentes séries tenham aula na mesma turma. Na escola, pequena, com 50 alunos, há apenas três tur-

mas. A primeira reúne alunos da alfabetização. A segunda, aqueles que estão na primeira série e aceleração. Na última turma, estudam os alunos de 2ª, 3ª e 4ª séries.

Em matemática, por exemplo, os encartes de anúncios de ofertas de supermercados e grandes lojas servem para a elaboração de problemas para as crianças resolverem. Divisão e multiplicação nas compras à prazo. Subtração para ver a diferença de preço na compra à vista. Juros, porcentagem, tudo é possível de se trabalhar. Para crianças mais novas, simples contas, como quantas palavras existe em um título de matéria, podem ser feitas.

Mesmo que alunos apresentem níveis diferentes, eles podem trabalhar o mesmo exercício. Basta escolher um texto que ele entenda. “No jornal, há assuntos que chamam a atenção

desde crianças a pessoas de 90 anos. Ensinar com ele permite que todos gostem da aula. Muitas vezes vemos alunos desinteressados porque o livro traz textos ingênuos ou muito complexos”, concorda Maria Luiza.

Para a professora Wilma, a intenção é além de ensinar a ler e escrever, fornecer aos alunos uma visão crítica de mundo. “O objetivo é que se conscientizem da realidade que os cerca. Além de ser uma forma de eles se socializarem”, diz.

As aulas baseadas em jornais e revistas fazem parte do projeto desenvolvido pela diretora da escola, Clemes Menegasse, desenvolvido desde a década de 80 em uma escola em Roraima. O Projeto Ajuri (mutirão, na língua dos índios macuxi de Roraima), foi premiado pelo Ministério da Educação (MEC) em 1985, e representou o Brasil na Feira do Livro no Japão em 1996, apresentando a coleção Ajuri. Em Brasília desde 1996, Clemes aplica agora a metodologia no Ceni.

Programa tem apoio da Unesco

Outros projetos ligados ao uso do jornal passaram a ser desenvolvidos no Ceni. Todos os anos, os alunos se correspondem com estudantes de outros países. Escrevem e recebem cartas. Esse projeto conta com o apoio da Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura (Unesco) e das embaixadas dos países envolvidos. Este ano os alunos escreverão para países onde também se fala a português. No ano passado, escreveram para crianças japonesas. “Era estranho. Ninguém entendia nada”, conta Priscilla. Nesses casos, um tradutor é procurado pela escola para traduzir as cartas.

Os alunos do Ceni produzem ainda um jornal mural semanal e estão montado uma banca de revistas, para que todos possam pegar emprestados e ler em casa. Nas férias, mais chance de escrever. Cada aluno leva a pasta *Agora é Minha Vez*, que propõe atividades de colagem, redação e desenhos para serem feitas com a participação dos pais.

Cada aluno recebe uma pasta individual, contendo material que aborda valores que os professores sentem necessidade de trabalhar com cada um. “É uma forma de ligar a família e tornar os pais mais comprometidos com a educação dos filhos”, explica a diretora do Ceni, Clemes Menegasse.

A escola agora luta apenas para regularizar definitivamente a sua situação. Como está em um condomínio ainda não regularizado, funciona com um alvará provisório da Sema-tec. A criação da escola era uma das exigências do proprietário do terreno onde surgiu o condomínio. Segundo a diretora, a atual situação tem feito com que alguns pais fiquem receosos de matricular seus filhos e impedido que eles comecem as obras de ampliação do prédio. Esta semana devem se encontrar com a secretária de Educação do DF, Eurides Brito, para pedirem que ela analise a questão.

Romildo de Oliveira



Repórteres-alunos do *Noticeni*: com ajuda da uma professora-jornalista, os alunos do Ceni analisam manchete, chamadas de capa, editoriais e aprendem, por exemplo, a escrever melhor

IDENTIDADE COM O FUTURO

PROJETO DO CORREIO ATRAI 300 ESCOLAS

Levar o jornal às escolas e possibilitar ao professor mais uma ferramenta para tornar as aulas mais atraentes para os alunos. O Projeto Identidade com o Futuro (PIF), criado pelo *Correio Brasileiro* em 1991, tem tornado isso possível.

Escolas públicas e particulares do Distrito Federal cadastradas no projeto recebem uma assinatura diária do jornal, além de 40 exemplares do encalhe — jornais não vendidos — a cada 15 dias. Além disso, visitas dos

estudantes de ensino fundamental são programadas às instalações do *Correio*. Depois de verem como é feito o jornal, visitam ainda os prédios da TV Brasília e das rádios 105 FM e Planalto AM, empresas pertencentes aos Diários Associados.

De uma única escola particular — o Inei —, no primeiro ano, quando o projeto começou de forma experimental, o programa evoluiu para mais de 300 escolas em todo o Distrito Federal. Ano passado, o Governo

do Distrito Federal passou a pagar as assinaturas das escolas, o que possibilitou ampliar o programa.

Foi criado, também ano passado, um suplemento de educação bimestral, que reúne as matérias mais importantes publicadas no período e é entregue a cada aluno dessas escolas. Hoje o PIF ultrapassou a marca dos cem mil alunos atendidos.

“O professor que se mantém preso aos livros e ao método antigo de ensino não consegue cativar os alunos de

hoje, acostumados a tecnologias como a Internet”, diz a coordenadora pedagógica do PIF, Dinorá Cançado.

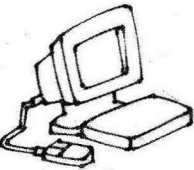
Receber o jornal tem possibilitado a várias escolas mudarem o método de ensino. Uma delas é a Escola Rural do Rodeador em Sobradinho — premiada pela Unesco em gestão escolar. “É muito importante receber os jornais. Hoje todos os professores trabalham com ele em sala de aula e usamos bem menos os livros”, diz a professora de portu-

guês do colégio Miguelina Vieira.

Nas próximas quarta e quintas-feiras, ocorrerá o encontro de abertura das atividades do PIF, no auditório do *Correio*. No primeiro dia, representantes das escolas particulares e dos colégios públicos de Taguatinga, Gama, Ceilândia, Planaltina e Guarã são esperadas. Na quinta, se reunirão as escolas de Samambaia, Brazlândia, Núcleo Bandeirante, Sobradinho, Santa Maria, Paranoá, Plano Piloto e Cruzeiro.

Novos COMPUTADORES

Os colégios do Distrito Federal vão ganhar mais 327 microcomputadores. As máquinas



fazem parte do Programa de Informática (Proinfo) nas Escolas do Ministério da

Educação, do qual o DF faz parte. No próximo dia 22, o ministro Paulo Renato estará em uma das escolas beneficiadas para inaugurar oficialmente os laboratórios.

DESPERTADOR ESCOLAR

Cansados dos atrasos dos alunos, os diretores da escola de 2º grau Islington Green, em Londres,

decidiram tomar uma atitude severa: a partir das 7h30min os professores começam a ligar para a casa aos mais atrasados. As aulas começam às 8h40min. A escola não está muito bem na lista classificatória feita pelo governo e a pontualidade dos alunos pode fazê-la subir alguns pontos.

ACELERA BRASIL

O Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e

Social (BNDES) assinou um contrato de R\$ 6,2 milhões com o Instituto Ayrton Senna para o projeto *Acelera Brasil*. O programa desenvolve com 24 municípios uma parceria para acabar com a repetência e evasão escolar de crianças que estudam da 1ª a 4ª séries do ensino fundamental. O projeto atenderá, em dois anos, 40 mil estudantes, que recebem aulas especiais, com material didático e metodologia específicos, e professores qualificados para esse tipo de trabalho.

ESTÁGIOS NO EXTERIOR

Há mais 60 vagas de estágio no exterior sendo oferecidas pela Central de Intercâmbio, representante do programa de estágios coordenado pela Unesco. Há lugares para várias áreas de engenharia, computação, jornalismo, administração, arquitetura e até engenharia de roupas. As vagas são de quem chegar primeiro. O telefone da Central de Intercâmbio é 340.9074

